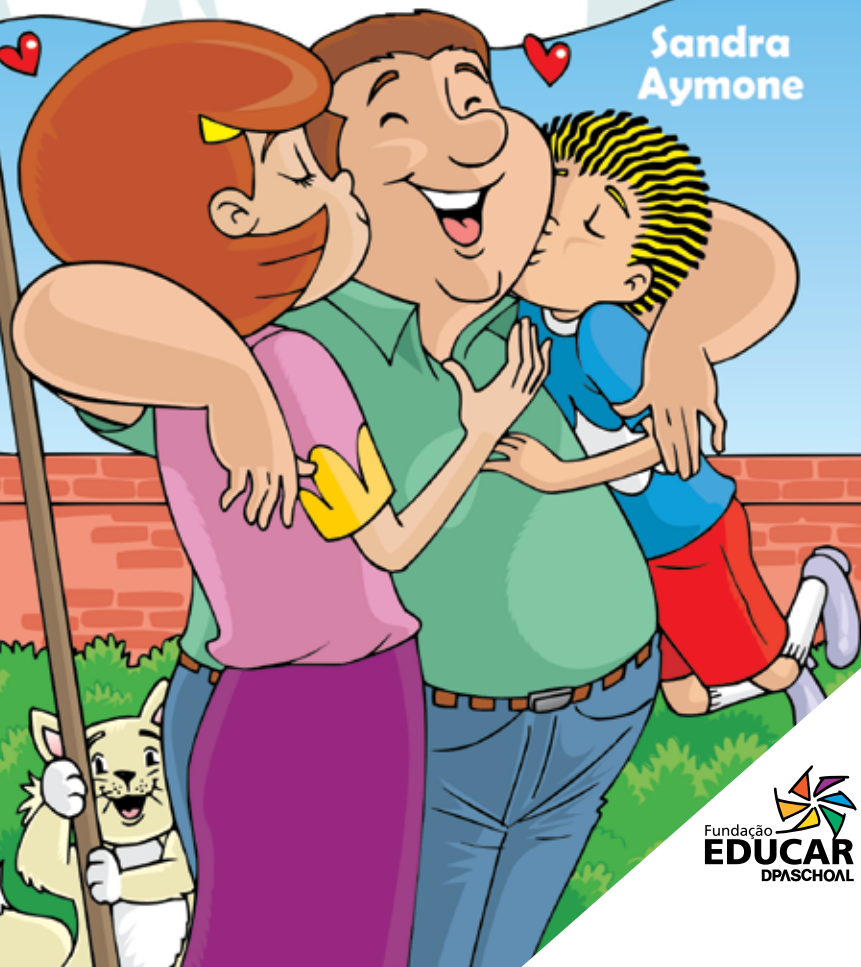


CHEGADAS E DESPEDIDAS

Histórias de São Paulo

Sandra
Aymone



VENDA PROIBIDA

Fundação
EDUCAR
DPASCHOAL

Autora

Sandra Aymone

Coordenação editorial

Sílnia N. Martins Prado

Preparação e revisão

Katia Rossini

Ilustração

Pierre Trabbold
Felipe Rostodella

Projeto gráfico

Linea Creativa

Realização

Fundação Educar DPaschoal
www.educardpaschoal.org.br
F: (19) 3728-8129

Agradecemos aos nossos parceiros a colaboração na distribuição destes livros:
Argius Transportes Ltda., Atlas Translog, Hiperion Logística, Reunidas Catarinense, RTE
Rodonaves Transportadora Capivari Ltda., Transportadora JPN Ltda., TRN Pavan.

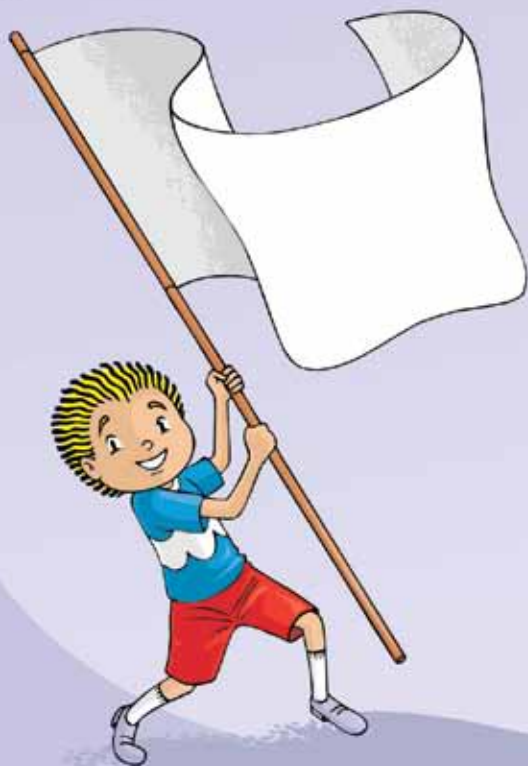
Esta obra foi impressa na Gráfica Editora Modelo Ltda. em papel cartão Art Premium Tech (capa) e papel couché fosco (miolo), ambos produzidos pela Suzano Papel e Celulose a partir de florestas renováveis de eucalipto. Cada árvore foi plantada para este fim.
Esta é a 1ª edição, datada de 2007 com tiragem de 25.000 exemplares.

The Deloitte logo is displayed in a white rectangular box. It consists of the word "Deloitte" in a bold, blue, sans-serif font, followed by a small green dot.

A tiragem e a prestação de contas referentes a esta publicação foram conferidas pela Deloitte.

CHEGADAS E DESPEDIDAS

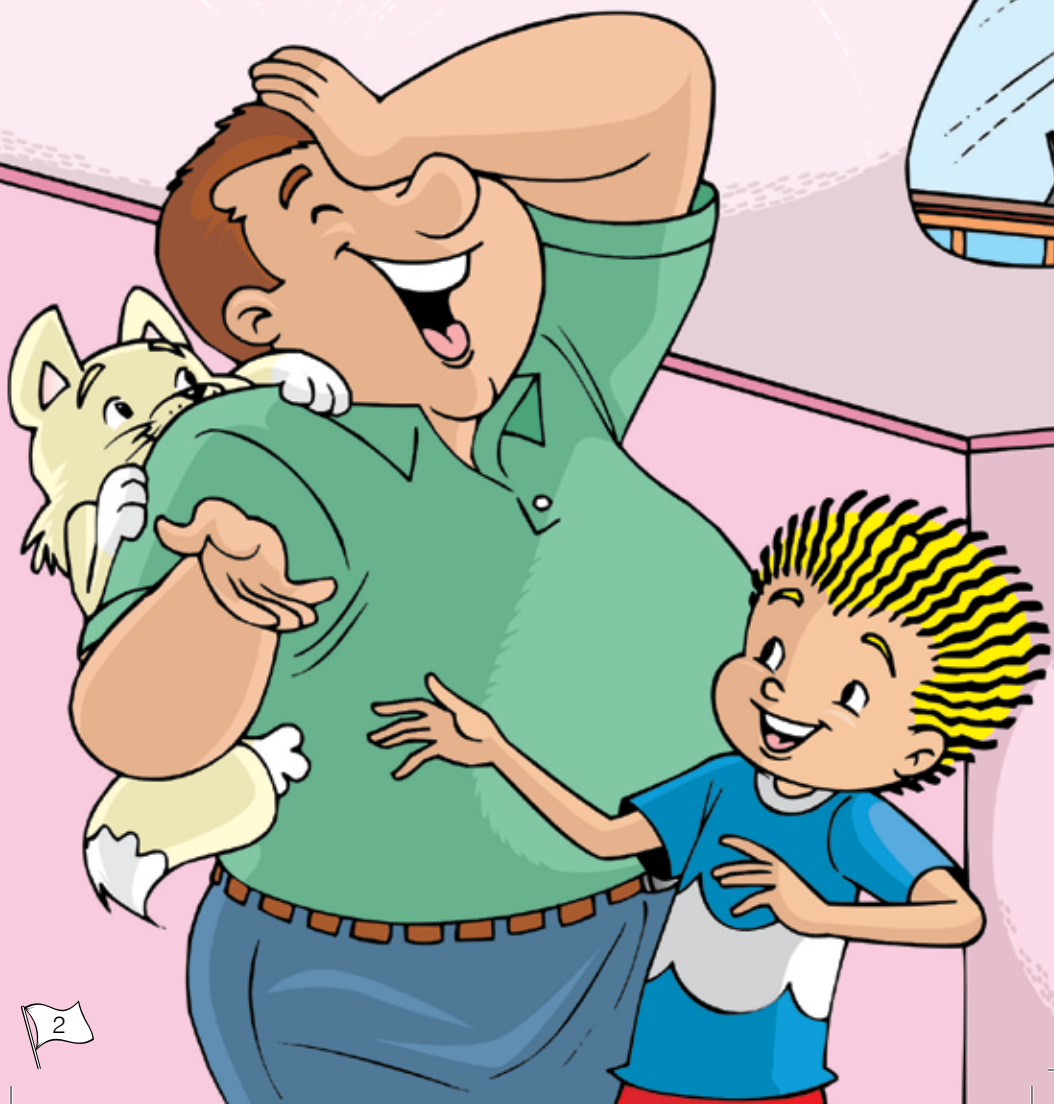
Histórias de São Paulo

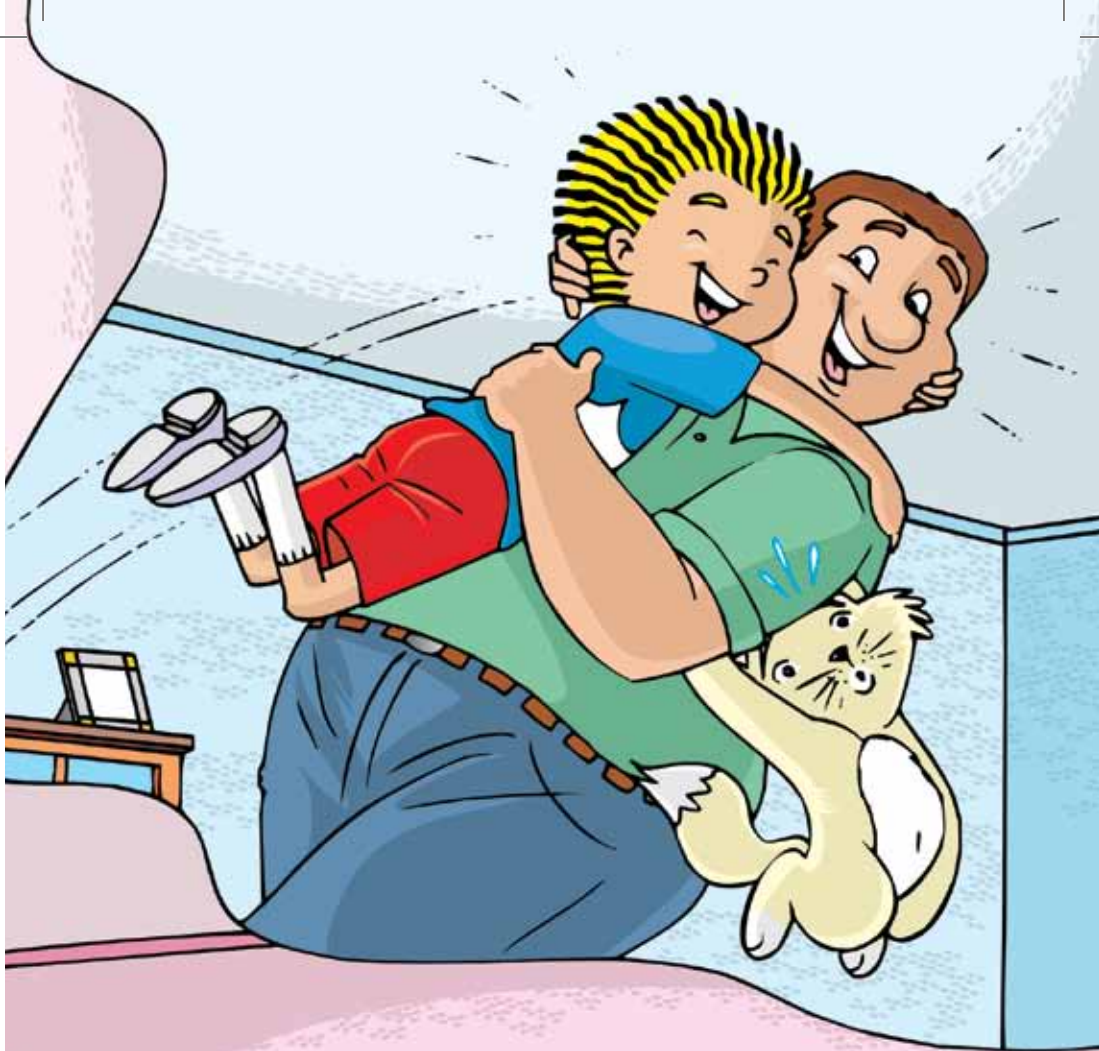


Seu Fernando bateu na testa, como se tivesse tido uma ideia.

– Como não pensei nisso antes? disse ele a Mateus – Eu já contei pra você histórias de várias regiões do Brasil, mas nunca falei sobre São Paulo, que é o lugar por onde eu mais ando!

Seu Fernando trabalhava como caminhoneiro e, por isso, viajava muito, dirigindo pelas estradas do Brasil. Ele gostava de conhecer um pouco da vida e dos costumes dos lugares por onde passava, para, na volta, contar tudo a seu filho Mateus.





– São Paulo? – repetiu o menino. – Ah, mas São Paulo todo o mundo conhece... é o estado mais rico do Brasil; eu já aprendi na escola. Tem um montão de fábricas, cidades grandes e muita gente morando nelas...

– Bem, isso é verdade. Além de fábricas, o interior do estado tem enormes plantações de quase tudo de que precisamos para comer. E é o maior produtor brasileiro de álcool, o combustível que polui menos! Mas São Paulo tem também outras riquezas. Povos diferentes, lendas, natureza...

– disse o pai, com um sorriso. – Amanhã começo uma viagem de vários dias pelo estado. Quando voltar, prometo trazer histórias bacanas!

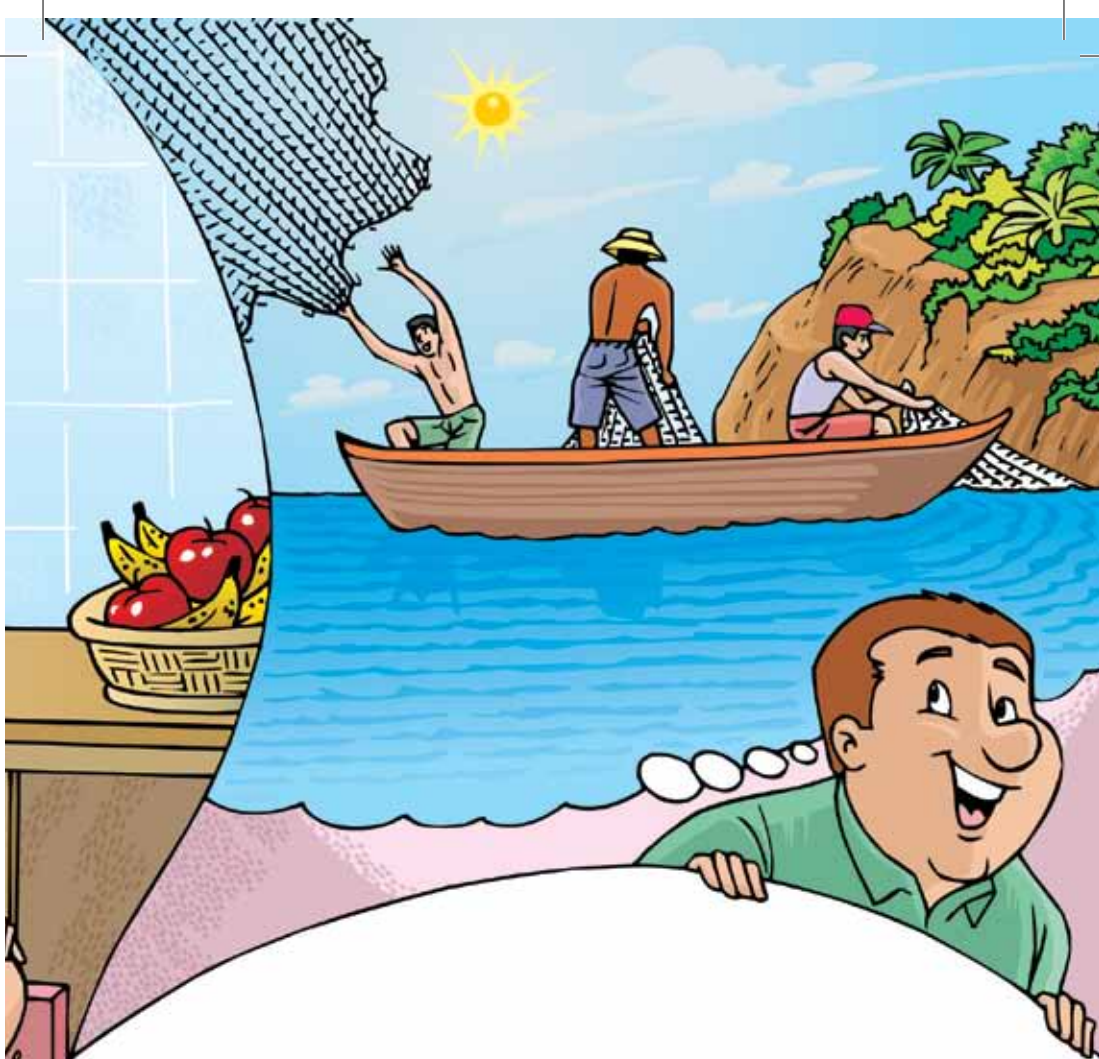
Já estava na hora de dormir, e Mateus se despediu do pai com um abraço apertado.

Dias depois, quando Fernando voltou com o Bruto, seu fiel caminhão, Mateus cobrou a promessa. O pai só pediu um tempo para tomar um bom banho e se deliciar com a comidinha caseira de sua esposa, dona Cida, a mãe de Mateus.

– Humm, mandioca frita! – exclamou ele. – Adoro! Que coincidência! Nesta viagem, passei por Ubatuba, onde estava acontecendo o Festival da Mandioca, uma festa dos caiçaras. Além das comidas, tem danças e música típica, tocada pelos violeiros.

– E o que tinha de gostoso por lá? – perguntou Cida.





– Ah, mandioca cozida, caldinho, nhoque, bolinhos recheados! E uma comida de nome engraçado: vaca atolada! É uma mistura de costela de boi com mandioca, acompanhada de arroz.

– Deve ser bom! – disse Mateus, sorrindo. – Agora conte quem são os caiçaras!

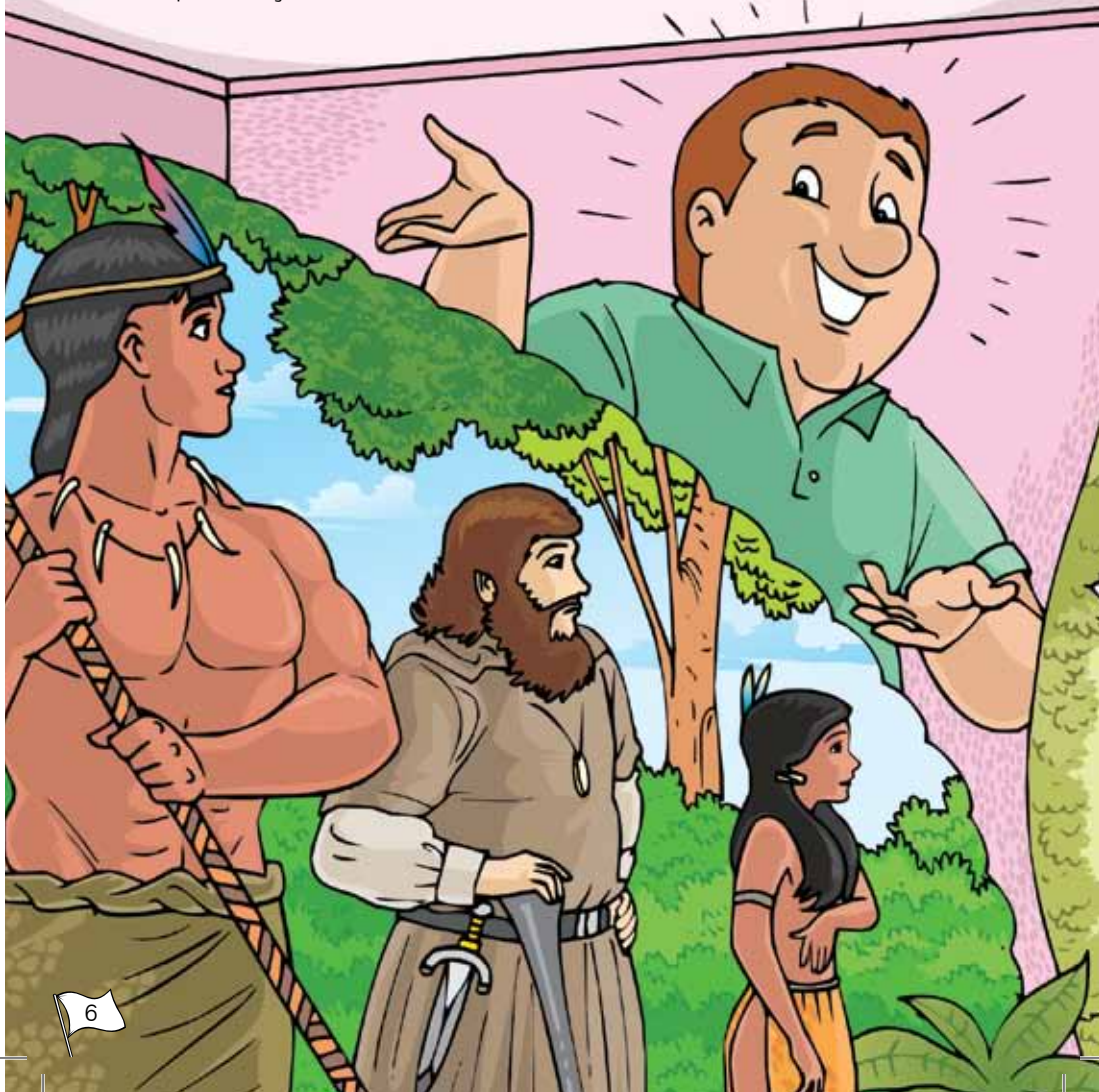
– É o povo que mora, há muitos e muitos anos, em algumas praias de São Paulo. São pescadores que descendem dos portugueses que vieram para o Brasil na época do Descobrimento, dos índios e dos escravos. Os caiçaras vivem do mesmo jeito que os antigos habitantes do país: tiram tudo aquilo de que precisam da natureza, sem destruí-la, e fazem, com as próprias mãos, todos os objetos de que necessitam para viver: mobília, panelas, redes de pesca, barcos...

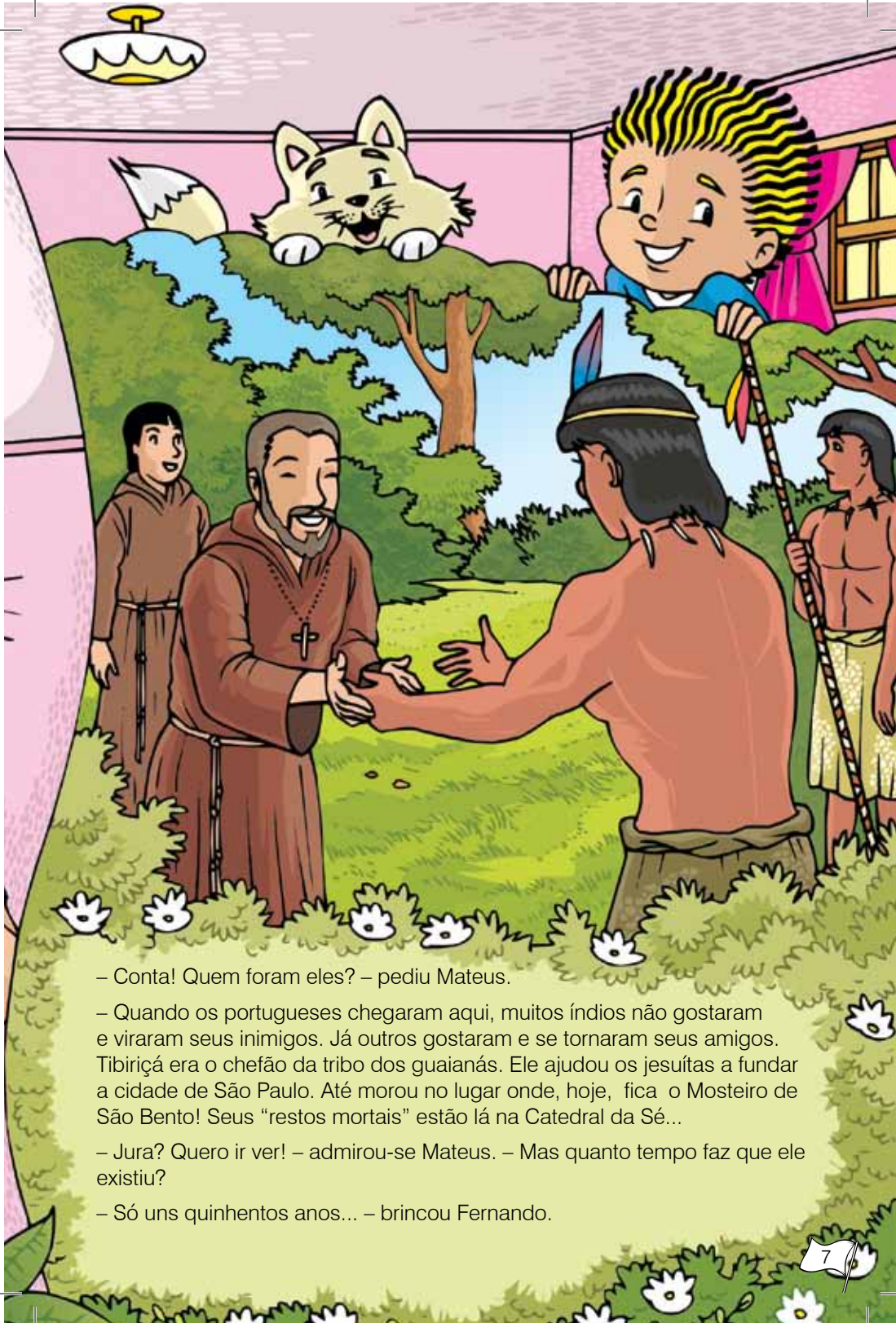
– Aprendi lá uma crendice engraçada: dizem que, se um homem for mordido por cobra, tem que ficar quinze dias sem fazer a barba, senão morre!

– Ficar barbudo, tudo bem, né, pai? Já pensou se fossem quinze dias sem tomar banho?

Os três caíram na risada!

– Bom, tive a sorte de dar carona a um professor que me contou coisas bem interessantes – continuou Fernando. – A primeira vila fundada no Brasil existe até hoje. Fica no litoral de São Paulo e seu nome é São Vicente. Lá, viveram várias pessoas que entraram para a História: o cacique Tibiriçá, João Ramalho, a índia Bartira...





– Conta! Quem foram eles? – pediu Mateus.

– Quando os portugueses chegaram aqui, muitos índios não gostaram e viraram seus inimigos. Já outros gostaram e se tornaram seus amigos. Tibiriçá era o chefe da tribo dos guaianás. Ele ajudou os jesuítas a fundar a cidade de São Paulo. Até morou no lugar onde, hoje, fica o Mosteiro de São Bento! Seus “restos mortais” estão lá na Catedral da Sé...

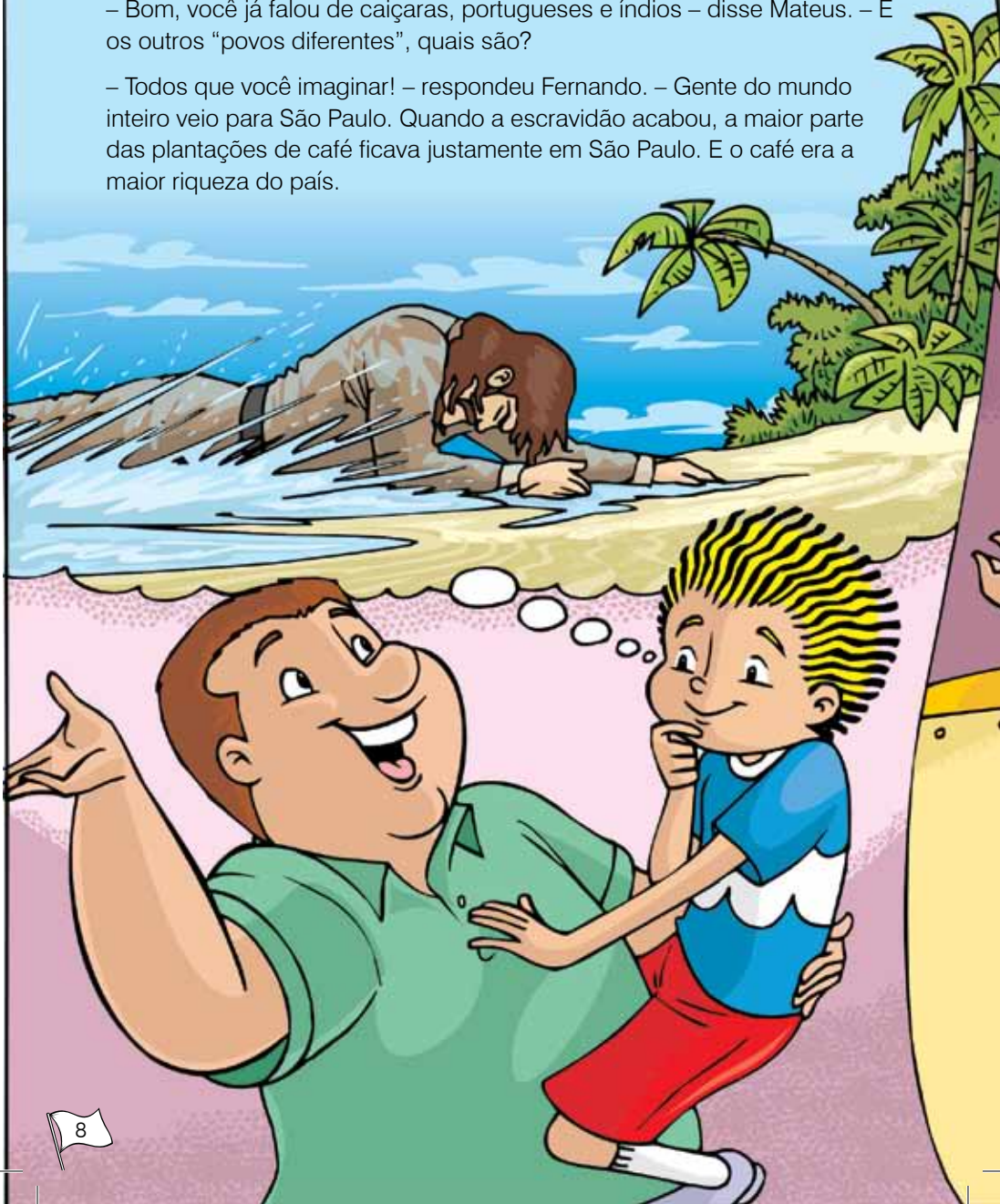
– Jura? Quero ir ver! – admirou-se Mateus. – Mas quanto tempo faz que ele existiu?

– Só uns quinhentos anos... – brincou Fernando.

– E a filha dele, a índia Bartira, casou-se com João Ramalho. João era um português que gostava de aventuras e resolveu embarcar em um navio, lá em Portugal. Perto do Brasil, o navio afundou, mas ele não morreu. Foi encontrado pelos índios e ficou morando com eles. Teve nove filhos com Bartira e nunca mais quis saber de voltar para sua terra...

– Bom, você já falou de caiçaras, portugueses e índios – disse Mateus. – E os outros “povos diferentes”, quais são?

– Todos que você imaginar! – respondeu Fernando. – Gente do mundo inteiro veio para São Paulo. Quando a escravidão acabou, a maior parte das plantações de café ficava justamente em São Paulo. E o café era a maior riqueza do país.





Sem os escravos para trabalhar na lavoura, os fazendeiros começaram a mandar vir gente de fora. Italianos, japoneses, alemães, árabes, espanhóis... Todos eles trouxeram para cá um pouco das suas danças, músicas, artes, costumes. Sua esperança era encontrar aqui uma vida melhor. E assim se formou o estado de São Paulo, cheio das tradições e das cores do mundo!

– E esses também não voltaram mais pra casa? – quis saber Mateus. –
Acho que eles deviam ter muitas saudades do lugar onde nasceram!

– Alguns voltaram, outros preferiram ficar e criar suas famílias aqui. Despedidas nem sempre são fáceis, mas... também é bacana conhecer lugares novos. Isso me fez lembrar de uma lenda bonita que ouvi! Quer que eu conte?

– Quero! – animou-se o menino.

– O pico mais alto da cidade de São Paulo se chama Jaraguá. Quando os bandeirantes partiam de São Paulo para procurar ouro e riquezas, caminhavam adentro. Nos primeiros dois ou três dias de caminhada, ainda conseguiam ver, de longe, o Jaraguá.

Sabendo disso, as mães e esposas dos bandeirantes subiam, subiam... até chegar ao pico, e, de lá, com panos brancos e lençóis, acenavam para eles, dando adeus.





Daí surgiu a lenda. Dizem que, desde esta época, em maio, mês em que as bandeiras partiam, embora o céu esteja todo azul, lá em volta do pico do Jaraguá sempre existe uma nuvem branca... São as mulheres que ainda estão lá, dando adeus!...

– Você é como os bandeirantes. Toda hora vai viajar... – disse Mateus, sério.

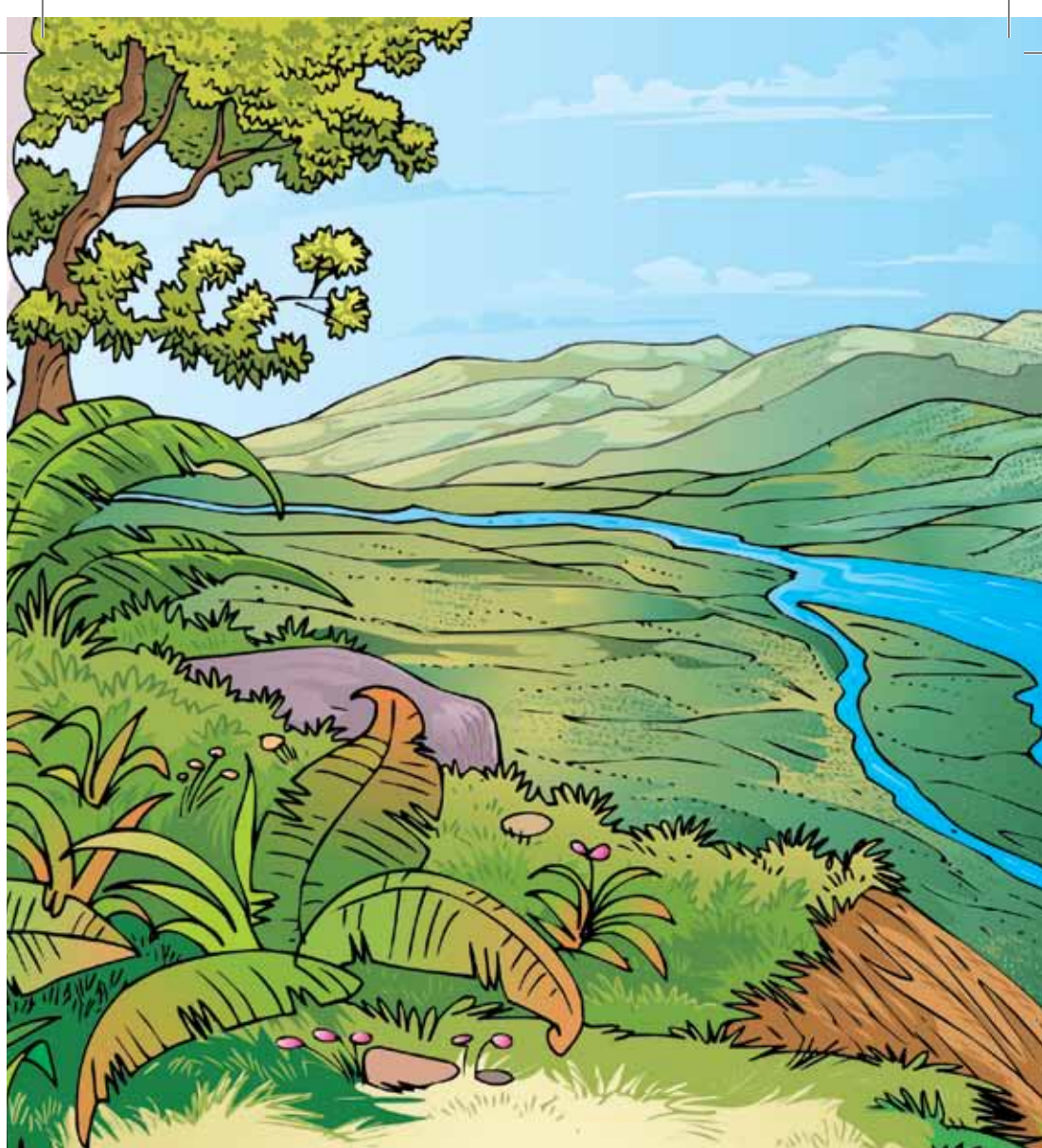
– Eu preciso, filho, é o meu trabalho! E eu sempre volto pra casa, né? – disse Fernando, pegando o menino no colo e dando-lhe um beijo estalado.

– Mas agora vamos dormir, que amanhã eu vou contar sobre o Vale do Ribeira!

No dia seguinte, Fernando contou para Cida e Mateus que o Vale do Ribeira é um lugar que fica ao sul do estado de São Paulo e pertinho do Paraná. É uma região superbonita, onde a natureza ainda está muito preservada.

– Muito antigamente, uma grande parte do litoral do Brasil era coberta de mata, a Mata Atlântica... – explicou Fernando. – Infelizmente, ela foi destruída pelo homem. No seu lugar, apareceram cidades, pastos, plantações... Sobrou só um pouquinho de mata. Pois bem: o Vale do Ribeira é o lugar no Brasil em que a Mata Atlântica está mais conservada!





– Nossa, deve ser lindo! – exclamou Cida.

– Lindo é pouco! Que lugar incrível! Tem rios, florestas, todo tipo de bicho, peixes, parques nacionais. É lá que fica o Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, conhecido como Petar, que é um dos lugares que têm mais cavernas juntas do planeta!

– Que demais! – entusiasmou-se Mateus, já se imaginando um explorador de cavernas. – E o que mais tem lá?

– Ah, tem um artesanato muito bacana! – contou Fernando. – Uma cidade chamada Apiaí é famosa por seus objetos de cerâmica. Ouvi dizer que, durante muito tempo, na região, não existiam estradas e era muito difícil chegar a outros lugares para comprar coisas. O povo de lá então se acostumou a usar a cerâmica para fazer tudo de que precisava: painéis, pratos, copos, moringas, enfeites...

– Hum... Quando você vai viajar de novo, pai? – interrompeu Mateus.

– Amanhã de manhã, por quê?





– Por nada... – respondeu o menino, com cara de sapeca. – Agora vou brincar um pouco!

Assim que amanheceu, Fernando e Cida pularam da cama. Ela preparou um lanche gostoso e fez ao marido as recomendações de costume: dirigir com cuidado, parar para dormir sempre que ficasse cansado e coisas assim.

Fernando ouvia, mas uma coisa o preocupava. Onde estaria Mateus? Cida foi até o quarto do menino e a cama estava vazia! Os dois procuraram pela casa toda, e nada...

– Não posso esperar mais, senão vou pegar um trânsito pesado! – disse Fernando. Beijou Cida e ainda falou: – Mais tarde, eu ligo pra saber onde andava esse danadinho!

Mas foi só dar partida no Bruto e – surpresa! – ouviu um grito:

– Aqui em cima, pai!

Era o Mateus, que tinha subido até o terraço do sobrado vizinho, onde morava sua amiga Liloca. Ele e a menina agitavam lençóis brancos no ar, despedindo-se do caminhoneiro.

Na sacada, um cartaz com letras pintadas pelos dois dizia:

PICO DO JARAGUÁ

BOA VIAGEM! VOLTE LOGO!



Sobre a Fundação Educar DPaschoal

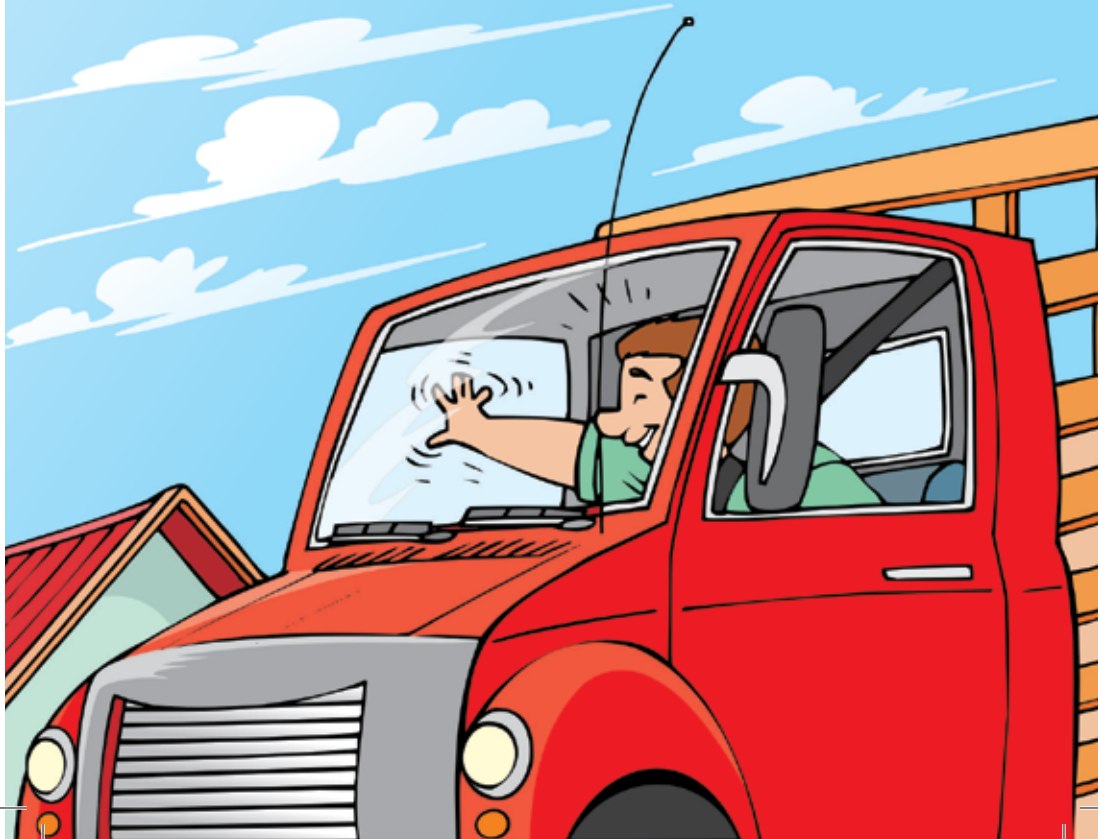
A Fundação Educar DPaschoal foi criada em 1989 para gerir os investimentos do grupo DPaschoal em programas de estímulo à leitura. Promover a educação para a cidadania como estratégia de transformação social é a missão da Fundação Educar, que constrói parcerias e desenvolve três projetos.

O Leia Comigo!, que utiliza recursos próprios e de outras empresas através da Lei Rouanet, para produzir e distribuir gratuitamente livros educativos para crianças e adolescentes. Desde o ano 2000, já foram doados mais de 30 milhões de exemplares, em todo o Brasil.

A Academia Educar, que promove a formação de núcleos de lideranças juvenis em escolas públicas, criando oportunidades para que o jovem descubra em si o potencial que o torna capaz de transformar sua realidade, de sua escola e de sua comunidade.

E o Prêmio Trote da Cidadania, que reconhece e incentiva universitários de todo o Brasil a promover ações sociais com os calouros, para estimular o empreendedorismo social e reduzir a prática do trote humilhante ou violento.

Procurando contar sempre com valiosas parcerias, a DPaschoal deseja, cada vez mais, dar sua contribuição à sociedade em sua caminhada pela educação e pela cidadania.





educação

Museus de todos os tipos
são vistos em toda parte;
são de História, de Ciências,
ou mostram obras de arte.



Fundação
EDUCAR | Leia Comigo!

DPASCHOAL

AutoZ

Agradecemos aos parceiros que investem em nosso projeto.

